

PORTUGUESES NOS CAMPOS DO SUDOESTE DE FRANÇA (1939-41)^a

Cristina Clímaco

Université de Paris VII

Os campos de «concentração»¹ criados em França em Fevereiro de 1939 para internar os refugiados da guerra civil espanhola são praticamente desconhecidos em Portugal. Porém, a historiografia estrangeira, a francesa em particular, tem revelado a presença de várias nacionalidades para além da grande massa de refugiados espanhóis, embora a portuguesa tenha sido até agora ignorada. A historiografia nacional sobre a questão é reduzida, as breves referências a Portugueses nos campos do Sudoeste de França provêm de César Oliveira no seu trabalho sobre as relações luso-espanholas durante a guerra civil de Espanha² e dos artigos publicados no *Diário de Lisboa* por Varela Gomes³. Nos trabalhos referidos, o internamento de Portugueses é apresentado como consequência do apoio expresso aos republicanos espanhóis e da participação nas fileiras do exército governamental, que aquando da queda de Barcelona nos fins de Janeiro de 1939, foram igualmente obrigados a procurarem refúgio em França. César Oliveira lista os Portugueses combatentes na Espanha republicana a partir de vários arquivos, entre os quais os da PIDE/DGS e do Ministério dos Negócios Estrangeiros⁴, partindo do pressuposto de que todos os Portugueses internados em França combateram em Espanha, o que é falso. Até Setembro de 1939, é verdade que todos os internados portugueses eram refugiados de Espanha (mas mesmo neste caso, nem todos foram combatentes, caso de José Rodrigues Reboredo, para apenas citar o mais conhecido), porém a entrada em guerra da França e a viragem à direita que desde algum tempo orientava a política deste país leva-o a tomar medidas contra os residentes estrangeiros

^a De uma tese de doutoramento em curso sobre a emigração política portuguesa em França nos anos 30 na Université de Paris VII (Denis Diderot), sob a orientação dos Professores Andrée Bachoud (Paris VII) e António Costa Pinto (ISCTE).

considerados «perigosos» para a segurança interna, que em consequência serão internados nos campos desde Outubro de 1939, entre eles Portugueses alguns dos quais figuram na lista de César Oliveira.

Mas voltando à historiografia nacional sobre os campos, as fontes mais interessantes são as memórias de Manuel Firmo⁵ e Pedro Baptista da Rocha⁶, internados em Argelès, Gurs e este último também no Vernet, que constituem testemunho directo do internamento de quase meio milhão de refugiados da guerra de Espanha e, especialmente, dos Portugueses, fazendo sair das trevas a presença portuguesa nos campos, que até aqui parecia, senão inexistente, pelo menos diluída entre as diversas nacionalidades. As memórias de Pedro Baptista da Rocha, então militante do PCP e suspenso do Partido durante o segundo internamento em Argelès, centram-se na actividade dos internados comunistas, testemunham do conflito existente entre estes e os anarquistas (que parece ter sido bastante profundo) e da posição do Partido face às diferentes soluções que se apresentam aos internados para a saída dos campos. As memórias de Pedro da Rocha são a prova de que os Portugueses, ou pelo menos os comunistas portugueses, tiveram nos campos uma actividade própria, participaram nas actividades gerais, e que o conflito entre comunistas e anarquistas repercutiu-se também entre os Portugueses. Manuel Firmo prefere retratar o seu percurso pessoal e as suas impressões sobre as condições gerais de vida nos campos, em detrimento da actividade dos anarquistas portugueses, que praticamente ignora. O número de internados portugueses é pouco significativo comparativamente ao de nacionalidades como a italiana, a polaca ou a alemã, no entanto desenvolve actividades próprias ao grupo e participa na vida do campo, daí o interesse que desperta o seu estudo, não só no âmbito da história nacional, como também na dos campos de internamento do Sudoeste de França. O nosso objectivo é o de traçar o percurso dos Portugueses resultante das condicionantes gerais que então se faziam sentir nos vários campos de internamento.

O avanço do exército franquista e a consequente queda de Barcelona em 26 de Janeiro de 1939 provocam a fuga da população civil e a retirada em direcção à fronteira francesa dos exércitos republicanos. O governo francês, face à situação, abre a fronteira em 28 de Janeiro, permitindo a entrada da população civil e a 5 de Fevereiro a dos militares; na madrugada do dia 9 começam a chegar a Le Perthus as primeiras peças de artilharia, os carros blindados e os tanques. No dia seguinte é a vez das tropas nacionalistas chegarem a Cerbin e a Bourg-Madame, terminando assim a ofensiva da Catalunha. Os refugiados continuam a chegar a França até ao dia 13, altura em que passam a fronteira os últimos soldados do exército da Região Oriental. Entre 28 de Janeiro e 13 de Fevereiro entraram em França por Le Perthus, Cerbère, vale de Arès, Bourg-Madame e pelas zonas

montanhosas menos acessíveis, e que nesta altura do ano se encontravam cobertas de neve, c. 500 mil refugiados. Numerosas memórias relatam o percurso até à fronteira, realizado muitas vezes a pé, a passagem desta e o internamento nos campos. A passagem dos militares e o acolhimento que lhes é dispensado nos postos fronteiriços pelos Franceses é relatado por Manuel Firmo, mas todos os testemunhos coincidem na mesma descrição: «Horas depois, exaustos, chegávamos ao primeiro posto fronteiriço francês. Dois enormes montes de pistolas e balas no solo, atestavam com sobrada eloquência que milhares de fugitivos já tinham passado por ali antes de nós. Soldados e gendarmes revistavam-nos e colocaram-nos em filas de quatro, gritando histericamente 'Allez! Allez!'. Ao som daqueles gritos, iniciámos a nossa marcha por território francês, rumo ao campo de concentração de Argelès»⁷. Os 30 km que separavam a fronteira de Argelès eram percorridos a pé, o campo era vigiado por soldados senegaleses, o que teve um efeito fortemente negativo sobre os refugiados.

1. *Portugueses na Espanha republicana em inícios de 1939 e a retirada para França.*

Em Janeiro de 1939 encontram-se em Espanha três grupos distintos de emigrados portugueses, cuja característica comum é de terem lutado ao lado do governo republicano contra Franco, impulsionados por motivos próprios a cada um destes grupos: 1) os emigrantes económicos que trabalham em Espanha desde os anos 20, em particular nas minas da Andaluzia e das Astúrias; 2) os exilados políticos, republicanos e anarquistas que desde a implantação da segunda república, em Abril de 1931, procuraram refúgio no país vizinho; 3) os voluntários que foram auxiliar os republicanos espanhóis, idos de Portugal mas também de França e dos Estados Unidos, onde se encontravam emigrados – o seu número foi reduzido, sendo impossível avançar um valor.

Aquando da queda de Barcelona, a população em pânico abandona a cidade, lançando-se nos últimos dias de Janeiro de 1939 em direcção à fronteira francesa, onde procura refúgio. Se a retirada dos civis portugueses é difícil de documentar, o mesmo não acontece com a dos chefes republicanos e a dos militares⁸, que nos deixaram o relato da passagem da fronteira e da chegada a França⁹. Face à iminência da queda de Barcelona, os chefes republicanos Jaime Cortesão e Jaime de Morais abandonam a cidade a 23 de Janeiro, dirigindo-se a Centellas, onde se encontrava um pequeno núcleo de Portugueses, e depois a San Juan de las Abadesas, onde se tinham reunido 200 e tantos Portugueses,

segundo Jaime Cortesão¹⁰, mais de três centenas segundo Pedro da Rocha, comandados por Inácio Anta¹¹. Ao grupo de Cortesão e Morais juntam-se alguns dos oficiais portugueses que se encontravam em Centellas, entre os quais Pedro da Rocha e Cláudio Vilanova, contando agora o grupo com c. 30 elementos. Em Camprodom tomam conhecimento de que as autoridades militares espanholas tinham ordens para impedir a passagem dos civis e militares que tentassem atravessar a fronteira. A fim de obterem a autorização de saída, Morais e Cortesão dirigem-se a 27 de Janeiro a Figueiras, onde se encontravam o governo espanhol – e o Estado-Maior. Alegando a sua condição de estrangeiros e as dificuldades sentidas em encontrar alimentos, conseguem das autoridades militares a autorização que procuravam, sob condição de, uma vez chegados à fronteira, os carros regressarem à cidade e da viagem se efectuar na noite de 29-30 de Janeiro. O comando militar de Mollo levanta dificuldades que obrigam o grupo, agora acrescido de mais 22 Portugueses, a regressar a Camprodom. Quando finalmente conseguem prosseguir viagem, a chuva abundante que caía desde há algum tempo transforma-se em neve, obrigando os numerosos refugiados, que como os Portugueses tentavam passar a fronteira pelo vale d'Arès, a abrigarem-se em casa de montanheses. Devido às más condições climáticas, os c. 50 Portugueses são obrigados a esperar dois dias antes de retomarem viagem. Isolados na montanha e apesar da precaridade do refúgio, os republicanos portugueses não deixam de celebrar a revolta de 31 de Janeiro¹², com duas garrafas de vinho do Porto enviadas de Paris por Agatão Lança e destinadas a Negrin, mas que a precipitação dos acontecimentos não permitiu entregar¹³. Por volta de 3 de Fevereiro chegam finalmente a França. Pouco antes da fronteira a altura da neve impede o avanço dos carros, obrigando-os a seguir a pé. Um providencial carro de bois transporta a bagagem, mas já em território francês este despenha-se num precipício, conseguindo Jaime Cortesão salvar parte dos seus ficheiros, manuscritos e cópias de documentos. Não podemos deixar de lamentar este acidente, no qual supomos que se tenha perdido parte do seu arquivo pessoal, certamente valioso para o estudo da emigração política e do papel desempenhado por Cortesão e Morais junto do governo republicano espanhol durante a guerra civil.

A passagem da fronteira pelo grupo de San Juan de las Abadesas encontra-se menos documentada. A 27 de Janeiro, receando a retirada das tropas que começavam a ocupar as localidades raianas pedem auxílio a Jaime Cortesão e a Jaime de Morais. Porém, o rumor de que as tropas nacionalistas tinham ocupado e ultrapassado Vich, deixando antever a rápida derrota dos governamentais, semeia o pânico entre a população e impele-os a iniciar a marcha na noite de 27 de Janeiro, sem esperarem pela ajuda solicitada, transportando numa camioneta

mulheres e crianças¹⁴. O grupo inicial acaba por se fraccionar: uns dirigem-se pelos próprios meios em direcção à fronteira francesa, outros preferem continuar em Espanha¹⁵. Outros Portugueses atravessam a fronteira integrados nas suas unidades: é o caso por exemplo de Oliveira Pio, César de Almeida e de um dos filhos de Jaime de Morais.

Apesar da decisão do governo republicano de retirar de Espanha os voluntários estrangeiros em Novembro de 1938, nem todos os Portugueses tinham abandonado as suas unidades, em particular os que se encontravam na região Centro aquando da queda da Catalunha, em Fevereiro de 1939, continuando em Espanha até ao fim de Março desse ano. Com o fim da guerra civil, os Portugueses que ainda se encontravam na zona republicana fogem para a Argélia: entre os refugiados do *Stanbrook* encontra-se Francisco Ferreira (Chico da CUF)¹⁶. Outros refugiam-se na parte francesa de Marrocos ou conseguem chegar a França, onde são internados.

2. *Entrada em França e acolhimento dos refugiados portugueses.*

Alguns portugueses que entraram em França com o grupo de Jaime Cortesão e Jaime de Morais separam-se logo após a travessia da fronteira, tomando a dianteira do grupo e avançando até à primeira localidade, Prats-de-Mollo, onde organizações de solidariedade os esperavam com leite quente, pão e chocolate e a polícia procedia ao controlo de identidade e concentração dos refugiados: «Fomos levados para uma grande sala onde se encontravam já mais de duas centenas de refugiados. Não havia espaço para todos se estenderem no chão. A toda a hora do dia e da noite chegava gente. Nunca nos deram de comer. Cada um entretinha a fome com algum bocado de pão ou lata de leite que guardava. Dois dias depois levaram-nos, sob forte escolta, para o campo de futebol de Arlès-sur-Tech e aí nos deixaram ao ar livre como gado. Sofríamos com o frio mas dispúnhamos de galgado espaço e não cheirava mal. Nenhum alimento nos deram. A gente das redondezas ia espreitar através da vedação os ‘vermelhos’ encurralados. Éramos a curiosidade da região. Raras foram as pessoas que levaram alguma comida e as poucas que nos dirigiam a palavra era quase sempre para nos perguntar se tínhamos alguma coisa para vender. (...) De noite o frio era insuportável, não se podia dormir. A volta de pequenas fogueiras sentavam-se dezenas de homens embuçados em mantas e capuzes. Para se poder alimentar o fogo arrancávamos tábuas e caniços da vedação do campo, o que provocou repetidas intervenções dos guardas móveis. No segundo dia levaram-nos para Amélie-les-Bains. Abridados num barracão. Novamente identificados e na revista

às malas e sacos muitos objectos que tinham escapado às primeiras revistas, foram expropriados. O saque ampliou-se»¹⁷.

O acolhimento reservado aos republicanos é substancialmente diferente do dispensado aos outros grupos. Jaime Cortesão limita-se a revelar que «a circunstância de chegarmos doentes permitiu que nos pudéssemos acolher num hotel numa pequena vila»¹⁸. A realidade é que enquanto comunistas, anarquistas ou emigrantes económicos portugueses que entrarem em França indocumentados foram internados, os republicanos, fazendo uso de passaportes, conseguem escapar aos campos. Alguns destes passaportes são concedidos pelas embaixadas do México e da Argentina¹⁹, dado que os consulados portugueses em França e em Espanha tinham ordens para não os concederem aos exilados políticos sem prévia autorização do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que fornece aos consulados listas de exilados políticos²⁰. Os militares republicanos que, como vimos, foram internados aquando da passagem da fronteira, rapidamente vão abandonar os campos, graças às *démarches* efectuadas pelos chefes republicanos; é o caso de César de Almeida, Oliveira Pio, Alexandrino dos Santos e um filho de Jaime de Morais. Outros ainda evadem-se dos campos, caso de Emídio Guerreiro²¹, contando com o auxílio dos republicanos portugueses concentrados em Marselha. Em Fevereiro de 1939 os republicanos reagrupam-se nesta cidade mediterrânica, onde residia desde fins de 1938 Moura Pinto. Marselha será durante alguns meses o principal local de reunião dos republicanos portugueses e centro de actividade política, dado que após um momento de reorganização estes continuam a conspirar contra Salazar, concertados com a oposição no interior. Anarquistas, comunistas e emigrantes económicos, militares ou civis, iniciam então uma longa luta pela sobrevivência física e moral.

3. *O internamento.*

Os primeiros centros de acolhimento são organizados à pressa junto aos principais pontos de entrada, nas praias de Argelès-sur-Mer e de Saint-Cyprien, para os que entram por Le Perthus e Cerbère, e em Prats-de Mollo e Bourg-Madame, para os que chegam pelos postos de montanha. Para descongestionar estes campos, rapidamente repletos, são criados novos campos na Cerdagne (Latour-de-Carol, Mont-Louis), no Haut-Vallespir (Arles-sur-Tech, em Amélie-les-Bains e nos arredores de Perpignan (Barcerès)). Dadas as condições climáticas e o facto de os campos não disporem de barracas, obrigando os refugiados a dormir ao ar livre, debaixo de neve, os situados em altitude são algum tempo depois evacuados e os refugiados transferidos para campos localizados nos

departamentos limítrofes e para os das praias do Roussilhão (os homens), e para refúgios localizados no interior do país (as mulheres e as crianças). Porém, dado que cerca de dois terços dos refugiados se encontram internados em Argelès e Saint-Cyprien, a administração francesa é forçada a construir novos campos para o descongestionamento destes, sendo os mais importantes Le Vernet no Ariège, Adge no Hérault, Septefonds no Tarn-et-Garonne, Bram no Aude, Rivesaltes nos Pirenéus Orientais e, algum tempo depois, Gurs, nos Pirenéus atlânticos. A situação dos refugiados da guerra de Espanha é encarada pela administração francesa como provisória, na suposição do seu breve retorno a Espanha.

Se a França esperava, face à situação vivida em Espanha, a chegada de um certo número de refugiados não estava preparada para a enorme massa que em poucos dias atravessa a fronteira. Os primeiros a chegarem a Argelès encontram uma praia deserta cercada de arame farpado, sem sanitários e água potável disponível; dormem ao relento, improvisando abrigos cobertos com cobertores. A assistência médica é insuficiente. O abastecimento do campo não foi planeado. Os internados construíram nos primeiros tempos abrigos com o material de que dispunham, como cobertores, lençóis, roupa ou que conseguiam subtrair ao comando francês, e que utilizavam para proteger do vento as covas que abriam na areia para se abrigarem... Com um encerado e algumas estacas, um grupo de portugueses construiu uma barraca²². Após os primeiros dias de total improvisação, e tomando a administração francesa consciência de que os refugiados não queriam voltar para Espanha, apesar da intensa propaganda desenvolvida dentro dos campos neste sentido, começam a ser construídas as primeiras barracas em madeira, mas muito lentamente, dado que não é permitido aos internados trabalharem dentro do campo; o número de barracas é insuficiente para abrigar os 180 mil internados que se encontram em Argelès, situação só ultrapassada alguns meses mais tarde. A falta de provisões é um outro problema; para combaterem a fome que se faz sentir nos campos, os refugiados sacrificam os animais que os acompanharam desde Espanha: cavalos, burros, cães foram abatidos e comidos. A improvisação domina no campo, situação que caracteriza o internamento em França, e que as memórias dos refugiados bem retratam: «a gordura era guardada para adubar sopas e para acender lamparinas feitas de latas de conservas, com torcidas feitas de fios de cobertor, havia mesmo os que guardavam as crinas e bocados de pele para futura utilização depois duma elementar curtimenta. Os ossos serviam de estacas que permitiam fixar os toldos abarracados e os mais habilidosos trabalhavam a canivete pequenos objectos úteis... e inúteis. Os restos de automóveis desmantelados e pneus serviam para os mais diversos fins: armações de barracas, bancos, chaminés de fogareiros, sandálias,

etc.»²³. A falta de instalações sanitárias, a poluição da água aliada a uma alimentação deficiente e a uma assistência médica praticamente inexistente, suscitam o aparecimento de doenças por vezes epidémicas: desenteria, pneumonia, febre tifóide, tuberculose, lepra, sarna, conjuntivite (esta particularmente em Argelès e Saint-Cyprien). A avitaminose provoca o escorbuto. Os internados encontram-se infestados de piolhos²⁴. Pouco a pouco, o campo começa a organizar-se, entrando numa «certa normalidade»: são construídas barracas e sanitários, o aprovisionamento e distribuição de água potável torna-se mais regular, grupos de voluntários procedem à limpeza do campo.

A separação dos refugiados espanhóis dos Internacionais (combatentes estrangeiros da guerra de Espanha) é uma iniciativa dos próprios chefes das Brigadas Internacionais e advém da estrutura destas, inicialmente organizadas por nacionalidades, ainda que nos últimos tempos da guerra as integrassem também Espanhóis. As nacionalidades numericamente pouco representativas integravam as unidades com as quais tivessem afinidades geográficas e linguísticas, por exemplo os Portugueses que integraram as Brigadas Internacionais XII, onde predominavam os Italianos, combatendo também em unidades de Polacos²⁵. No entanto, o que designaremos por *campo internacional*, isto é, a parte dos campos ocupada pelos refugiados estrangeiros da guerra de Espanha, campo separado, organizado e independente da parte ocupada por Espanhóis, acabará por albergar não somente os comunistas das Brigadas Internacionais, como também soldados estrangeiros de outras unidades do exército republicano, e até civis estrangeiros que acompanharam a população espanhola no seu êxodo, e professando outras ideologias, principalmente anarquistas. Assim o termo *Internacional*, no sentido empregue pela administração francesa, abrange todos os refugiados estrangeiros provenientes de Espanha, com uma maioria de milicianos das Brigadas Internacionais, excepto no caso português.

A formação de campos internacionais dá-se, desde os primeiros dias de internamento, no que serão os principais campos de refugiados em Fevereiro de 1939: Argelès-sur-Mer e St. Cyprien; em Abril, com a criação de novos campos para descongestionamento destes, os internacionais são concentrados num único campo, Gurs. A formação do campo internacional parece, pois, ter tido origem espontânea, que a administração dos campos reconhece, acabando por aplicar em Gurs. O reconhecimento do campo internacional repousa sobre o facto de, desde os primeiros dias, os chefes das Brigadas Internacionais conseguirem obter da administração do campo autorização para distribuírem a alimentação e organizarem a assistência aos feridos com médicos e enfermeiros internacionais, fornecendo o campo de medicamentos e material, aliviando-a de serviços que passaram a ser exercidos pelos refugiados: «Os grupos nacionais

que se tinham mantido unidos durante a evacuação (checos, alemães, polacos, italianos, etc.) ao chegarem a Argelès-sur-Mer constituíram o núcleo que facilitou a organização do campo dos 'internacionais'. (...). Organizaram imediatamente um comando de Campo para ligação com o comando francês, um serviço de intendência e um serviço de saúde»²⁶.

4. *Argelès-sur-Mer.*

Em função dos elementos recolhidos nos arquivos dos campos, podemos afirmar que os Portugueses foram essencialmente internados em Argelès, embora alguns, sem que se possa dizer quantos, conhecessem o campo de St. Cyprien. É o caso de Oliveira Pio e Mário Fernandes. As destruições sofridas por estes arquivos durante a Segunda Guerra e nos anos imediatos dificultam a quantificação dos internados portugueses nos campos do Sudoeste de França em Fevereiro de 1939. Se o percurso dos Portugueses em St. Cyprien é por enquanto desconhecido, o de Argelès encontra-se melhor documentado, mas é-nos impossível determinar com exactidão quantos Portugueses estiveram aqui internados. As primeiras informações numéricas provêm do «homem de Barcelona», um informador da PIDE em Espanha que acompanha os Portugueses no êxodo para França, e que refere 176 Portugueses chegados a Argelès com os internacionais²⁷; Pedro da Rocha avança c. 300 Portugueses neste campo²⁸, confirmado pelo jornal *Unir*²⁹. Supomos, no entanto, que este número deve ter sido mais elevado, dado que nos primeiros dias do internamento muitos refugiados aproveitam a débil vigilância para fugir, outros tentam abandonar os campos por intermédio das famílias ou conhecidos, que tomam a responsabilidade de prover às suas necessidades. Conhecemos as *démarches* de Jaime de Moraes e de Jaime Cortesão para retirar dos campos os militares republicanos. Apoiamos a nossa suposição no facto de que, em Gurs, estão internados no início de Maio 349 Portugueses, número que baixa para 320 no fim do mês, para subir para 332 em princípios de Junho de 1939³⁰ (cfr. tab. 1, p. 36).

A existência de um grupo especificamente português, que a historiografia sobre os campos, mesmo quando debate a questão dos internacionais, sempre silenciou, é-nos revelada por Pedro Baptista da Rocha³¹ e comprovada pela publicação de um *Boletim de Informação do Grupo Português de Argelès* em Março-Abril de 1939, onde este grupo aparece com uma actividade e uma dinâmica próprias, face ao restante campo internacional. Em Maio-Junho desse ano, os Portugueses são a sétima nacionalidade mais representada entre as c. 60 presentes neste campo, menos numerosos que os Polacos, Italianos, Alemães,

Austríacos, Checoslovacos e Jugoslavos, mas em maior número que Húngaros, Romenos, Búlgaros, Argentinos e Bálticos.

O chefe de grupo é o major Inácio Anta, o militar mais graduado, que tem a particularidade de não ser comunista. O grupo português comporta uma maioria de anarquistas, mas também comunistas estranhos às Brigadas Internacionais e elementos sem posição ideológica definida, agrupando ex-milicianos e civis e até alguns Espanhóis³². A particularidade do grupo português consiste no facto de, contrariamente à maioria dos outros grupos nacionais, conter uma minoria de elementos das Brigadas Internacionais; dos 241 Portugueses que em Outubro de 1939 ainda estavam em Gurs, apenas 36 tinham pertencido às Brigadas Internacionais, situação idêntica à de algumas nacionalidades sul-americanas³³. Este facto *fundamental*, dada a conflitualidade existente entre anarquistas e comunistas portugueses desde a fundação do PCP³⁴, é agravado pela rivalidade entre anarquistas e comunistas espanhóis durante a guerra civil, sobretudo depois da repressão exercida pelos comunistas em Barcelona contra os anarquistas, rivalidade que se repercute nos campos de internamento, mesmo no internacional. O grupo português encontra-se dividido entre anarquistas e comunistas, constituindo na realidade dois grupos, sendo os anarquistas dirigidos por José Rodrigues Reboredo e os comunistas por Francisco Barros Cachapuz³⁵ e Artur Paquete³⁶. Os comunistas portugueses refractários às directivas do Partido são «ignorados» pelos restantes membros, que cortam o contacto com o elemento entrado em desgraça. É o caso de Paulino de Sousa que, recusando-se a integrar em Fevereiro de 1940 as Companhias de Trabalhadores Estrangeiros, é tido pela administração do campo como elemento perigoso, e eliminado, sendo votado ao isolamento pelos outros comunistas³⁷.

A disciplina e a ordem das Brigadas Internacionais são dificilmente aceites pelos anarquistas portugueses, o que suscita desde o início do internamento a conflitualidade com os comunistas. Em meados de Março de 1939 o ambiente vivido no grupo português é de grande tensão; os comunistas acusam os anarquistas de indisciplina e responsabilizam-nos pelo atraso na organização dos serviços necessários à nova vida no campo, em particular da cozinha, dado que as refeições eram distribuídas em cru aos grupos, que se encarregavam de as cozinhar. Anta tenta em vão controlar o conflito, mas os comunistas vêm nele um obstáculo à sua direcção do grupo, e a consequência é o seu afastamento da chefia do grupo³⁸ através de um golpe de bastidores conduzido por estes e apoiado pelo comando internacional do campo. Este é composto pelos dirigentes das Brigadas Internacionais cujo chefe é o comunista alemão e ex-deputado do Reichstag, Otto Flatter. Em 22 de Março, os comunistas dirigidos por Artur Paquete tomam por um golpe de força o comando do grupo português, impondo-

-lhe finalmente a ordem comunista. Temendo a reacção dos anarquistas, o Partido Comunista organiza um «serviço de ordem» pronto a dominar qualquer manifestação contrária. Os novos responsáveis portugueses nomeados pelo Partido são todos comunistas: Pedro Baptista da Rocha é o chefe, enquanto Frederico Paninho³⁹ dirige a intendência e a cozinha⁴⁰.

Para lutar contra a desmoralização e as condições nas quais vivem os internados de Argelès, estes procuram preencher o tempo organizando diversas actividades culturais, encontros desportivos, cantos de leitura, cursos de francês e de línguas, conferências, espectáculos nas quais participa o grupo português. As actividades desportivas do grupo português são dominadas pela equipa de futebol, que se constitui em Março, cujo primeiro jogo é disputado (e perdido!) contra a equipa sul-americana. Os irmãos Cardinali⁴¹ dinamizam um grupo de jogos acrobáticos. São organizados cursos de francês e de esperanto, dos quais se encarregam respectivamente os anarquistas Júlio Mascarenhas e Manuel Firmo, enquanto Manuel Rodrigues procura combater o analfabetismo do grupo através de cursos de português e de cultura geral. É igualmente organizado um campeonato de xadrez e de damas. Em fins de Março, a direcção do grupo português prepara uma festa de grupo, com actividades artísticas e desportivas, onde deveria exhibir-se um coro da canção popular e revolucionária portuguesa. O responsável de cultura é o comissário Cunha⁴², colocando as actividades desenvolvidas pelos portugueses sob o controlo dos comunistas. Com a tomada da direcção do grupo pelos comunistas, passa a ser editado o *Boletim do Grupo Português*, jornal de 4 páginas manuscritas em português, provavelmente diário, pois o n.º 1 data de 27 de Março e o n.º 2 do dia seguinte, hipótese para a qual não dispomos de informações suficientes, pois, além destes dois números, apenas temos conhecimento do de 14 de Abril, não numerado, em que é enviada uma «saudação aos camaradas espanhóis», associando-se deste modo o grupo português às comemorações do aniversário da república espanhola.

À imagem de outros jornais dos campos internacional e espanhol, o boletim português compreende uma rubrica sobre a actualidade política internacional, com extractos da imprensa francesa, notícias da vida do grupo, apelos à mobilização cultural, informação sobre actividades desportivas e culturais, conselhos de saúde pública relativos ao consumo de água potável, desinfeção das barracas e roupas com produtos distribuídos pelo médico, Manuel Baptista dos Reis, e à higiene pessoal. O boletim é igualmente utilizado para a transmissão de ordens do comando francês, das quais poderia reverter alguma vantagem para os comunistas, como a da organização militar dos Internacionais («Por instruções emanadas do mando francês, o chefe do nosso grupo recebeu ordens para organizar-nos militarmente. Acatá-las com disciplina é o nosso dever») ou a

Tabela 1.

Efectivos internacionais do campo de Gurs em 1939.

	<i>10 de Maio</i>	<i>28 de Maio</i>	<i>10 de Junho</i>
Polacos	904	822	950
Italianos	902	843	872
Alemães	648	610	735
Checoslovacos	466	393	493
Austríacos	457	449	483
Portugueses	349	320	332
Jugoslavos	326	350	372
Húngaros	213	194	163
Argentinos	174	169	102
Romenos	170	167	160
Búlgaros	138	121	141
Letões	46	43	46
Estónios	31	29	17
Lituanos	23	24	27
	<hr/> 5481	<hr/> 5150	<hr/> 6011

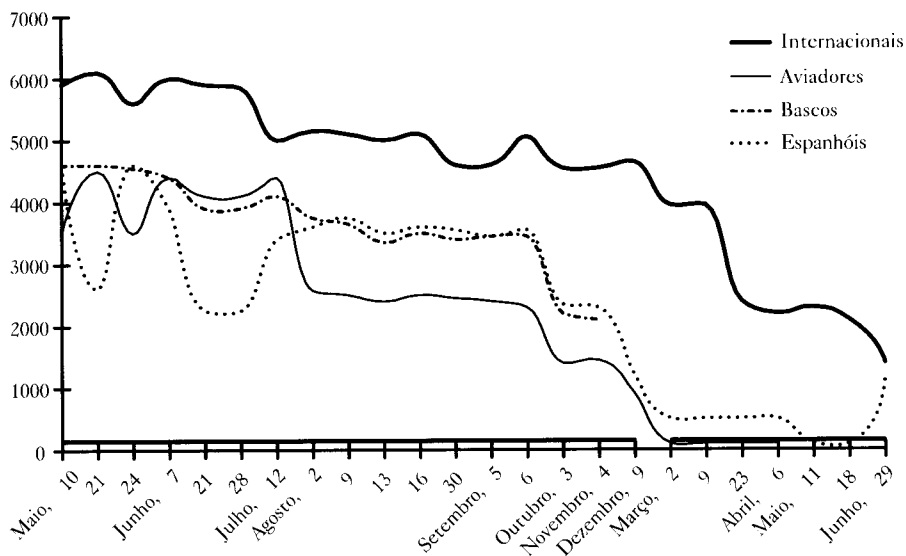
Tabela 2.

Combatentes e não-combatentes das Brigadas Internacionais internados em Gurs em Outubro de 1939, segundo as nacionalidades.

	<i>Combatentes</i>	<i>Não combatentes</i>	<i>Total</i>
Italianos	533	256	789
Romenos	146	1	147
Húngaros	104	-	104
Búlgaros	100	-	100
Jugoslavos	307	-	307
Checos	510	-	510
Austríacos	415	-	415
Alemães	448	-	448
Polacos	702	-	702
Lituanos	19	-	19
Letões	35	-	35
Estónios	9	-	9
Portugueses	36	205	241
Brasileiros	14	15	29
Sul-Americanos ^a	1	65	66
	<hr/> 3516	<hr/> 937	<hr/> 4453

Não explicita a nacionalidade, no entanto Argentinos, Peruanos, Paraguanos, Bolivianos, Mexicanos, Nicaraguenses aparecem discriminados separadamente.

Figura 1.
Internados em Gurs em 1939-40, por grupos.



Fonte: mapas estatísticos dos efectivos de Gurs, ADPA 1M286 e SHAT 31N135.

elaboração de listas de internados («Os camaradas deverão prestar todos os informes que lhe sejam pedidos pelo mando, a fim de completar rapidamente as listas e poder resolver-se a nossa situação»). A censura exercida pelas autoridades francesas faz-se sentir sobre os jornais de campo. Para contornar esta dificuldade, os redactores vão utilizar os artigos publicados na imprensa francesa autorizada a entrar nos campos, em particular o *Paris-Soir* e os jornais de Direita *Le Matin* e *Le Jour*, apresentando-os sem comentários, mas de modo a exprimirem a sua posição. A transferência dos Internacionais para Gurs, em fins de Abril, vem interromper a publicação dos boletins internacionais; ignoramos se o grupo português continua a publicação do boletim no novo campo.

4. Gurs.

O campo de Gurs está pronto a receber os primeiros refugiados em 5 de Abril de 1939. São internados em Gurs Bascos, aviadores⁴³, Espanhóis e internacionais até então dissimulados em St. Cyprien e Argelès. Os internacionais representam o grupo mais numeroso e o que permanecerá durante mais tempo internado; enquanto Bascos, aviadores e Espanhóis vão a pouco e pouco abando-

nando Gurs, quer para serem repatriados, quer para irem trabalhar na agricultura e nas indústrias da região.

O campo de Gurs encontrava-se dividido em 13 ilhotas (*îlots*) numeradas de A a M; cada ilha estava separada das demais por uma barreira de arame farpado, constituindo uma espécie de subcampo com autonomia funcional e administrativa⁴⁴. Os Internacionais que ocupam as ilhotas G, H, E e J⁴⁵ obtêm do chefe de campo que sejam demolidas as vedações entre as ilhotas internacionais, constituindo-se assim um único campo internacional⁴⁶. A administração do campo aproveita a anterior organização dos Internacionais, reconhecendo-a oficialmente e tratando directamente com os «chefes» internacionais eleitos, vendo nela um meio de transmitir as suas ordens a uma população internada que, na maioria dos casos, não compreende o francês.

Tal como em Argelès e St. Cyprien, a base da organização do campo internacional são os grupos nacionais agora melhor estruturados, dirigidos por um chefe, um subchefe, um responsável de armazém e cozinha, um responsável do correio e os chefes de barracas; e subordinados ao comando internacional. O chefe do campo internacional supervisa a actividade dos responsáveis da intendência, do correio, dos serviços de saúde e higiene, das estafetas, além de estabelecer a ligação entre a administração e os refugiados, apresentando diariamente ao comandante francês o relatório das ocorrências havidas no campo e as diversas reivindicações dos Internacionais, e transmitindo aos grupos nacionais as ordens e as decisões tomadas por este. Em Gurs, as condições materiais melhoraram consideravelmente, a alimentação é correcta e abundante, mas pouco variada (carne guizada com lentilhas, bacalhau frito, paté de porco), e nos grupos organizam-se «colectivos» destinados a melhorar a alimentação. Para estes contribuía os comunistas com uma parte do que ganhavam como alfaiates, encadernadores, sapateiros, carpinteiros e com dinheiro que recebiam do exterior. Os internados dotados de espírito inventivo – que a necessidade desenvolve – vão tornando mais cómodas as instalações, construindo camas, bancos e prateleiras, de que as barracas se encontravam desprovidas.

O grupo português chega a Gurs em 20 de Abril de 1939, sendo um dos primeiros grupos numericamente relevantes a instalar-se no campo, razão pela qual Pedro da Rocha é designado pela administração do campo como comandante dos Internacionais, cargo que ocupará durante alguns dias, até à chegada dos restantes Internacionais, sendo substituído pelo brasileiro José Gay da Cunha. O PCP pretende controlar a direcção do campo internacional, designando para o comando do campo elementos seguros, mas de modo a proteger a direcção clandestina do Partido, alheia a funções administrativas. Com a instala-

ção em Gurs, o comando internacional é reorganizado pela direcção do PC no campo; esta reorganização é provocada pelo descontentamento que se faz sentir pelo facto de os Alemães deterem o controlo de todos os serviços. Com a nova reestruturação do comando internacional, as funções a exercer no campo passam a ser atribuídas com base na representação nacional, permitindo a nacionalidades numericamente menos importantes estarem presentes nos diversos serviços. Estes são disputados pelos internados, dado que, por exemplo, o serviço de cozinha ou a distribuição das rações permitia a quem o exercia obter um suplemento alimentar; por sua vez, o PC vai desenvolver a sua actividade de modo a conquistar o controlo de todos os serviços, o que lhe permitiria controlar os internados não-comunistas e estabelecer no campo internacional a «ordem» comunista, o que suscita a reacção dos anarquistas, que são as primeiras vítimas da repressão. O grupo português sofre igualmente uma remodelação, passando a ser chefiado por Mário Fernandes⁴⁷.

5. *Actividades culturais e desportivas.*

Para melhor suportarem o internamento, os refugiados procuram esquecer as duras condições de vida nos campos; para reagirem à depressão moral ocupam o tempo com actividades desportivas e culturais, trabalhos manuais, música, e mesmo estudando. É montada no campo internacional uma cantina, onde são vendidos cigarros, papel de carta, tinta, atacadores, queijo, chocolate, açúcar, sendo o lucro destinado à compra de livros, lápis e papel para os cursos que funcionavam no campo, assim como para subvencionar algumas festas organizadas pelos grupos nacionais e ajudar os internados que abandonavam Gurs; estão, no entanto, sob a dependência do PC. Foi igualmente montada uma cantina-restaurante onde se vendiam pratos-cozinhados, pão, salsichas, saladas, fruta, bolos, vinho, cerveja, café. Os internados organizaram bibliotecas, cursos de línguas, de economia política, círculos de leitura, realizam nos grupos nacionais conferências sobre temas diversos, através de um intercâmbio de internados de várias nacionalidades que falavam dos seus países, assim como exposições de trabalhos manuais, torneios de xadrez. No grupo português foi organizado um curso de alfabetização, sob a responsabilidade de Pedro Baptista da Rocha.

Pelo São João, o grupo português organiza uma festa com dinheiro do grupo e do comando internacional, de cujo programa constavam actividades desportivas, combates de boxe, jogo de pau, palhaços com os dois irmãos Cardinali, cantos, fados e guitarradas, variedades interpretadas exclusivamente por Portugueses. O ponto alto da festa foi o arraial que à noite reuniu Internacionais e soldados

franceses junto das barracas do grupo português, que decoraram o recinto com verdura, palmas, bandeiras, argolas de papel, coroas, arcos e balões, não faltando a barraquinha de comes e bebes. O desejo de esquecer o local onde se encontram dando à festa um aspecto de «normalidade» é patente nesta descrição de Pedro Baptista da Rocha: «No meio do terreno um coreto onde uma filarmónica tocou toda a noite só música popular portuguesa e dezenas de pares dançaram animadamente, emprestando um indiscutível cunho de veracidade ao ambiente. Para imprimir maior realidade, muitos mascararam-se imitando trajos regionais, aparecendo saloias, lavadeiras à moda do Minho, varinas, marujos, e até sarapintadas e mamalhudas bacantes de rua suja». A festa encerra-se à meia-noite com a tradicional marcha popular, que percorre vários blocos, desfilando os internados com arcos e balões representando barcos, aeroplanos, a torre de Belém⁴⁸.

O 150.º aniversário da revolução francesa é comemorado em Gurs com actividades desportivas (movimentos de conjunto de 800 ginastas internacionais, pirâmides humanas pelos grupos polaco e checoslovaco, jogo de futebol entre as equipas espanhola e internacional) e artísticas (orquestras, coro alemão, basco, judeu, sem nacionalidade, checo e italiano, canções e dansas do Tirol, italianas e espanholas, o tenor italiano Cofoni, o maestro Eberhard Schmidt, que dirigiu a abertura do *Barbeiro de Sevilha*...). O grupo português participa nas comemorações através dos irmãos Cardinali, que apresentam acrobacias. Um delegado espanhol e o comandante do campo internacional, numa alocução durante a festa, manifestam a sua solidariedade ao povo francês⁴⁹. As boas relações mantidas entre a direcção internacional e o comandante do campo permitem aos internados assistirem à passagem da Volta à França em Bicicleta, para o que foi levantada junto à estrada uma dupla barreira de arame farpado⁵⁰. As relações viriam a degradar-se com a assinatura do Pacto Germano-Soviético, em 23 de Agosto de 1939. Iniciativas deste género deixaram de ser possíveis.

6. *Ação política.*

A rivalidade entre comunistas e anarquistas e a tentativa de controlo dos primeiros sobre os segundos caracterizam as relações desenvolvidas por estes dois grupos durante o período de internamento. Desde os primeiros dias, os comunistas tentam impor-se aos não-comunistas, em Argelès o comunista italiano Chedini Ghini propõe-se fornecer às autoridades francesas uma lista de «indesejáveis», entre os quais vários anarquistas susceptíveis de boicotarem a tentativa de controlo dos campos pelo Partido. Em consequência disso, para a

fortaleza de Collioure são enviados pelo menos 14 anarquistas⁵¹. No entanto, é em Gurs que a pressão comunista se faz sentir de maneira mais dramática. O sistema de atribuição aos refugiados de determinadas tarefas e da sua organização no interior do campo permitirá o seu controlo pelos comunistas, em particular os da cozinha, intendência e correio, enquanto os não-comunistas são relegados para tarefas subalternas. Com um elemento do Partido ou um simpatizante como chefe ou subchefe em quase todas as barracas, os comunistas controlam a base da organização do campo internacional. Os refugiados que se atreviam a denunciar os abusos dos comunistas eram vítimas de represálias, sendo-lhes, por exemplo, suspensa a distribuição de refeições durante alguns dias. Daí a importância do serviço da cozinha⁵². Também os anarquistas portugueses foram vítimas da repressão comunista. Aureliano José dos Santos foi impedido de assistir ao nascimento do filho, solicitou à administração do campo uma autorização que não foi transmitida às autoridades francesas e viu a sua correspondência ser apreendida; a interceptação era facilmente realizada pelos comunistas, dado que a ligação entre os refugiados e a administração se fazia por via hierárquica, passando pelo chefe de barraca, pelo chefe de grupo, pelo chefe de ilha e, finalmente, pelo chefe de campo. Este tipo de repressão era frequentemente usada pelo Partido, quando discordava da atitude dos internados. É o caso dos pedidos de ingresso na Legião Estrangeira. Por seu turno, Dâmaso Rafael Guerreiro foi dado pela chefia internacional como evadido do campo, quando as autoridades francesas anunciaram a sua libertação, o que sucedeu cinco vezes em dois meses⁵³.

A censura da correspondência é um outro dos meios utilizados pelos comunistas portugueses para imporem a sua autoridade. Segundo eles, o controlo do correio era justificável pela necessidade de proteger os internados «de si próprios», utilizando todos os meios ao seu dispor para se defenderem dos «elementos provocadores»: «Ponderável parte dos internados devido aos acontecimentos internacionais, falta de suporte partidário, irrealismo ideológico, ausência de disciplina política, perda de perspectivas, tinha-se deixado contagiar por uma desmoralização que os conduzia a uma lamentável miopia, incapacitando-os para compreender que na situação em que nos encontrávamos todos devíamos, sem distinção política, formar uma frente unida a fim de se neutralizarem os maus elementos que, entre nós, não só se propunham fazer o jogo dos carcereiros com as polícias políticas de países livres. Esses elementos perniciosos deviam ser desmascarados e sua actividade anulada, também tinham aparecido entre os comunistas, mas esses estavam sob controlo»⁵⁴. O apelo à constituição da frente única que os comunistas querem impor é rejeitado pelos anarquistas, que vêem nela um meio de controlo. A censura da correspondência terá permi-

tido, segundo os comunistas, a interceptação de listas destinadas às polícias dos respectivos países e elaboradas por «indivíduos suspeitos» (anarquistas), contendo nomes e outras informações sobre militares que se encontravam no campo⁵⁵. O responsável pela distribuição do correio no grupo português é Júlio Mascarenhas, que em Espanha foi comissário político numa unidade anarquista; quando este se apercebe da violação da correspondência de Portugueses considerados suspeitos pelos comunistas denuncia-a, e a consequência desta atitude é a sua substituição por um elemento comunista e o caso apresentado como uma manobra «provocadora» de Mascarenhas⁵⁶. A censura da correspondência é exercida à chegada e à partida pelas autoridades francesas, que instalaram dentro do campo um centro de controlo postal; no entanto, a separação do correio por ilhotas é feito pelos próprios refugiados, tendo os comunistas conseguido colocar neste serviço elementos seus, exercendo uma segunda censura.

Descontentes com a situação vivida no campo, sofrendo a repressão dos comunistas c. 150 internados italianos, alemães e portugueses das ilhotas F e G, de tendência anarquista, socialista e republicana, acabam por solicitar a 4 de Julho de 1939 à administração francesa, a constituição de um campo separado dos comunistas, constituindo-se em Grupo Internacional Independente⁵⁷, ao qual se juntarão os dissidentes comunistas. Francisco Cachapuz foi dos chefes menos apreciados pelos não-comunistas em Gurs, devido à repressão que exerceu sobre os anarquistas⁵⁸. Os elementos não-comunistas do campo internacional são acusados pelo Partido de actividade anticomunista e de colaboração com as autoridades francesas: com o intuito de «saírem dos campos a qualquer preço», denunciariam os elementos que já se encontravam nos seus países ou que se preparavam para regressar⁵⁹. Sentindo-se ameaçado na sua hegemonia, e deixando de poder contar, após o Pacto Germano-Soviético, com a atitude favorável que a administração do campo tinha até então tomado em relação à direcção internacional sobre quem se apoiava para dirigir o campo, o PC coloca informadores junto da administração do campo.

Apesar da vigilância exercida pela Sûreté Nationale, a fim de impedir o desenvolvimento de actividades políticas dentro dos campos, os comunistas conseguem conduzir em Gurs uma campanha de propaganda através da difusão da imprensa de Esquerda, da introdução de quotidianos e de boletins do PC, da publicação de jornais de campo e da afixação de cartazes. A posição do Partido em Gurs era orientada pelo PC francês. Um tema bastante discutido no Verão de 1939 pelos comunistas nos grupos nacionais é a atitude a tomar em caso de guerra, em particular, o alistamento dos internacionais no exército francês. As posições inicialmente defendidas pelo PC inclinavam-se para uma intervenção ao lado da França e da Inglaterra, em defesa da democracia. A assinatura do

Pacto Germano-Soviético surpreende os chefes comunistas internados, que têm de responder a uma mudança de orientação para a qual não estavam preparados, e provocando uma certa desorientação entre os militantes comunistas, alguns dos quais abandonam o Partido⁶⁰. Segundo as novas directivas enviadas para os campos após a assinatura do Pacto Germano-Soviético, os comunistas devem opor uma total resistência a qualquer tipo de colaboração com os Franceses e sabotá-los sempre que possível⁶¹. As relações da chefia internacional e do comandante do campo passam de uma certa colaboração à hostilidade declarada, os comunistas recusando-se a trabalhar para os Franceses e limitando a sua participação ao mínimo necessário, relativamente à manutenção do campo. Até então era o comando internacional quem organizava as brigadas que por turnos procediam à limpeza do campo, ao corte de lenha, à descarga dos camiões e dos comboios na estação de Oloron S.^{te} Marie, trabalhos esses que agradavam aos refugiados quando exercidos fora do campo, proporcionando-lhes algumas horas em que esqueciam o arame farpado⁶². Após o Pacto Germano-Soviético, há uma manifesta má-vontade dos comunistas a integrarem as brigadas de trabalho. O comandante tenta quebrar a organização comunista de Gurs, intensificando a vigilância por parte da Sûreté National e a censura da correspondência, e enviando para Collioure e, posteriormente, para Vernet os comunistas que se salientam pela actividade política, tentando impedir o seu alistamento na Legião Estrangeira⁶³.

7. *A saída dos campos.*

Logo nos primeiros tempos de internamento, os campos são visitados pelos cônsules da Inglaterra, da Bélgica, da Holanda, dos Estados Unidos, de países escandinavos e latino-americanos, que procedem ao repatriamento dos seus nacionais. Alguns destes países aceitam repatriar os emigrantes que aí residiam antes de combaterem em Espanha; é o caso dos emigrantes portugueses nos Estados Unidos, que têm assim oportunidade de abandonarem os campos⁶⁴. Por seu turno, a França vai seguir o mesmo princípio e permitir a residência aos refugiados que tinham vivido em França antes de irem para Espanha; é o caso do comunista Artur Rodrigues Paquete, que, no entanto, voltará a ser internado em Janeiro de 1940, desta vez no campo repressivo do Vernet.

Em Paris, a Federação dos Emigrados Portugueses em França⁶⁵ procura ajudar os internados portugueses a encontrarem uma solução para a saída dos campos; à semelhança das organizações espanholas, a FEPP solicita listas de refugiados portugueses sem, no entanto, conseguir resolver o problema⁶⁶. Jaime

de Morais, em contacto com as organizações espanholas que se ocupam da assistência aos refugiados e da emigração para a América Latina, tenta evacuar alguns Portugueses de Gurs para uma república sul-americana, mas isso não se concretiza por falta de dinheiro⁶⁷. Os Internacionais comunistas pretendiam uma solução colectiva para a saída dos campos; o Partido pronunciou-se contra as fugas, razão pela qual estas foram raras no campo internacional, pelo menos até desaparecerem as possibilidades de uma solução geral para o problema dos refugiados. Quando os Internacionais perderam as ilusões acerca das possibilidades de emigrarem, as fugas do campo aumentaram. Entre os evadidos de Gurs encontram-se um certo número de Portugueses. Algumas destas evasões foram bem sucedidas; misturando-se com emigrantes económicos, embarcam em Bordéus para Portugal⁶⁸. No entanto, o PC parece hesitar na posição a tomar quanto às evasões: ora censurou a deserção, porque contrária ao dever do «revolucionário consciente» (o de aguardar uma solução colectiva), ora apoiando quem quisesse fugir⁶⁹.

As possibilidades de saída dos campos para os Internacionais de Gurs são bastante diminutas, após o repatriamento dos naturais de países democráticos e a emigração de um certo número para a URSS, Argentina, Cuba, México, Estados Unidos, Bélgica e Inglaterra. Ficam no campo os originários de países não-democráticos, cujo repatriamento significaria novas perseguições, como é o caso dos Portugueses. Sem alternativas, estes Internacionais vêem-se condenados a um internamento prolongado, e o optar entre o ficar nos campos e o aceder às soluções improvisadas pelo governo francês: trabalho agrícola ou industrial, ou integração nas CTE, na Legião Estrangeira e nos RMVE.

8. *O emprego da mão-de-obra refugiada na agricultura e na indústria.*

Os agricultores e pequenos industriais da região onde se situava o campo de Gurs não tardam em compreender as vantagens da utilização da mão-de-obra refugiada, pronta a aceitar qualquer trabalho para sair do campo. Uma circular do ministro do Trabalho de 27 de Maio de 1939 legaliza a situação, autorizando o recrutamento nos campos de trabalhadores para a agricultura e para a indústria. O pedido deste tipo de mão-de-obra provém primeiramente dos agricultores do departamento, mas, em breve, dadas as vantagens da sua utilização barata e disponível, agricultores de outros departamentos solicitam o emprego de refugiados. Dos internados em Gurs, c. 1915 foram utilizados nos trabalhos agrícolas de Verão, entre os quais alguns Portugueses, que uma vez terminado o contrato regressavam ao campo. O número de internados empregues na indústria

é menos elevado, limitando-se a c. 245, mas as condições de trabalho eram melhores⁷⁰. A presença destes trabalhadores suscita na população francesa uma reacção hostil: «Os trabalhadores espanhóis tiveram no início uma atitude correcta, eram trabalhadores dedicados e não se mostravam muito exigentes. Mas desde que amealharam um pouco de dinheiro, vestiram-se coquetamente, juntam-se e passeiam-se com ar de satisfeitos pelos campos. Agora que o primeiro contrato de três meses terminou, tomam ares de independência e aumentam as suas pretensões. Talvez sejam incentivados por proprietários afortunados e pouco conscienciosos, que querem a todo o preço porem-se ao abrigo da falta de mão-de-obra e lhes oferecem salários que vão até 600 francos por mês com alojamento e alimentação. Os pequenos proprietários, que até agora obtinham esta mão-de-obra à tarifa de 5 a 10 francos por dia, não podem bruscamente suportar este aumento, que é mais do dobro, e de qualquer maneira muito superior aos salários pagos em tempo normal aos operários da região»⁷¹. A utilização dos internados na agricultura sofre restrições a partir de fins de Outubro, e apesar de os pedidos continuarem a fluir a Gurs, o prefeito dos Baixos Pirenéus e o comandante do campo põem cada vez mais dificuldades à saída dos refugiados para a agricultura. As razões desta atitude são, por um lado, a inaptidão para os trabalhos agrícolas dos refugiados ainda presentes no campo e, por outro, o «estado de espírito extremamente perigoso» dos susceptíveis de serem empregues na agricultura⁷². As autoridades francesas temem o contacto com os comunistas franceses e as acções de sabotagem que poderiam levar a cabo. O resultado é a proibição pelas autoridades militares, em Dezembro de 1939, da utilização dos refugiados na agricultura e na indústria; serão canalizados para as CTE.

9. *Companhias de Trabalhadores Espanhóis e Companhias de Trabalhadores Estrangeiros.*

As primeiras CTE, compostas exclusivamente por voluntários, foram constituídas ao abrigo do decreto de 12 de Abril de 1939, o qual estende a todos os refugiados estrangeiros exilados em França as obrigações de carácter militar adstritas aos Franceses pela lei do recrutamento militar, obrigações a prestar em trabalho às autoridades militares, devendo a sua duração ser igual à do serviço militar. Posteriormente uma circular de 17 de Outubro de 1939 do ministro da Defesa Nacional e da Guerra cria as CTE de prestatários não-voluntários com o fim de substituir nas fábricas ligadas à Defesa Nacional, os Franceses mobilizados ou dispensados para os trabalhos agrícolas⁷³. É solicitada aos prefeitos dos

departamentos onde se situam os campos a concepção de projectos de interesse departamental ou comunal, de modo a utilizar esta mão-de-obra⁷⁴, consistindo em terraplanagens, demolição de velhos imóveis ou fortificações, limpeza de fossos e recebendo os trabalhadores como remuneração alojamento e alimentação, para além de um bónus de rendimento. As CTE serão ainda utilizadas na manutenção dos campos de internamento, na construção de barragens, nas fábricas de armamento e de munições e, sobretudo, na reparação e construção das fortificações da linha Maginot e de estradas militares. Compostas por um efectivo de c. 250 homens, são dirigidas por um refugiado designado pela administração do campo onde foi formada a CTE, a fim de limitar a influência dos comunistas nas formações, e enquadradas por oficiais e soldados franceses⁷⁵, estando sujeitas a estreita vigilância e à autoridade militar.

No Verão de 1939, quando se torna evidente o deflagrar da guerra, o governo francês decide autorizar as indústrias que trabalham para a defesa nacional a recrutarem operários nos campos. Em Gurs a Inspecção do Trabalho procede ao recrutamento de operários metalúrgicos, através de testes realizados num *atelier* mecânico criado para a selecção dos candidatos. Em meados de Agosto de 1939, c. 1200 Espanhóis efectuaram testes dos quais c. 600 foram seleccionados, começando nesta data a selecção dos Internacionais, sendo os primeiros a prestarem provas os Checoslovacos⁷⁶. Com o início da Segunda Guerra, aumenta a necessidade de operários para as indústrias de guerra, intensificando-se o recrutamento dos refugiados, que têm assim a possibilidade de abandonar os campos e de contactarem com a população francesa; ainda que sobre eles seja exercida uma vigilância policial, gozam de certa liberdade, podendo deslocar-se livremente na cidade. Em fins de Setembro, tinham saído de Gurs para serem empregues na indústria de guerra 1005 refugiados, 72 estavam em vias de partir e 350 realizavam testes⁷⁷. As indústrias que solicitam este tipo de mão-de-obra são as Constructions aéronautiques du Midi de Toulouse (503), as fábricas de pólvora Établissements Laprade, Arudy et Izeste (200), Établissements Bréguet de Bayonne (102) e de Toulouse (67), Établissements Grôme et Rhône de Paris (67), as indústrias mecânicas Établissements mécaniques du Béarn de Pau (32), a hidroeléctrica Chantiers de l'Adour de Bayonne (11), entre outras, onde exercem a profissão de ajustadores, caldeireiros, desenhadores, ferreiros, torneiros⁷⁸... No entanto, o recrutamento dos trabalhadores é vigiado pela Sûreté Nationale, de modo a eliminar das listas os refugiados considerados perigosos; para o efeito, o comissário especial da polícia afecto ao campo exerce uma apertada vigilância, identificando os «elementos suspeitos»⁷⁹.

Até Fevereiro de 1940 as CTE são constituídas exclusivamente por Espanhóis, mas a falta de mão-de-obra e a necessidade cada vez mais premente de trabalhadores para os trabalhos militares levam a que sejam constituídas em Gurs, com os Internacionais ainda presentes no campo, novas companhias que tomam a designação de Companhias de Trabalhadores Estrangeiros, sendo numeradas a partir da 251.^a⁸⁰, para se distinguirem das espanholas. No início de Fevereiro, são assim constituídas as 251.^a, 252.^a, 253.^a e 254.^a CTE, sendo a primeira denominada pelas autoridades militares como companhia de «Portugueses» e a segundo de «Alemães», o que nos leva a supor que eram compostas por uma maioria de elementos destas nacionalidades. O regime ao qual estão sujeitos os trabalhadores das CTE estrangeiras é mais severo que o das espanholas: enquanto estes recebem 0,50 francos diários, a título de prémio de trabalho, os Internacionais apenas têm direito à ração alimentar, acrescida de vinho para os trabalhadores com bom rendimento e para os melhor disciplinados⁸¹.

Em Fevereiro de 1940, uma parte dos refugiados portugueses decide integrar as CTE estrangeiras, vendo nelas um meio de abandonarem os campos, dado que o internamento se prolonga sem esperança de solução imediata, tendo apenas como alternativa o repatriamento para Portugal, e, por consequência, uma nova prisão para averiguação do grau de responsabilidades tidas durante a guerra civil de Espanha⁸². Os Portugueses integram principalmente as CTE estrangeiras, mas estão também presentes nas espanholas, nomeadamente nas 18.^a, 174.^a e 187.^a. Alguns Internacionais como o comunista Cláudio Vilanova⁸³, vendo nelas um meio de abandonarem Gurs, passam-se para o campo espanhol. O chefe da 251.^a CTE, designado pelas autoridades do campo, era um português emigrante económico em França, de tendência libertária⁸⁴. De acordo com as directivas dadas pelo Partido, os comunistas portugueses recusam a integração nas CTE, preferindo continuar nos campos a participarem no esforço de guerra. O grupo português, que contava em Fevereiro de 1940 com 220 elementos, encontrar-se-á após a formação da CTE bastante reduzido, ficando apenas no campo 14 comunistas eliminados das companhias de trabalhadores pelas autoridades do campo, alguns anarquistas que se opõem a José Rodrigues Reboredo⁸⁵ e os incapacitados físicos, demasiado velhos ou demasiado novos, reunidos numa barraca, sendo-lhe agregado o que restava de outros grupos: dois Cubanos, quatro Brasileiros, um Mexicano, um Paraguaiano, um Marroquino⁸⁶. Em 20 de Abril de 1940 estão internados em Gurs 26 Portugueses, aumentando este número uma semana mais tarde para 60, sendo o grupo português composto em 11 de Maio por 61 elementos⁸⁷. O aumento do grupo português deve-se, em parte, ao regresso ao campo de trabalhadores das CTE, considerados inaptos para o trabalho nas fortificações, de legionários demitidos da Legião e dos

RMVE e ao internamento de Portugueses provenientes de Pau e de Bayonne⁸⁸, ignorando-se, no entanto, se estes eram emigrantes económicos ou antigos refugiados residentes na região.

Posteriormente, novas companhias foram formadas com os Internacionais de Gurs. Em inícios de Abril de 1940 estão ainda internados em Gurs c. 2000 Internacionais⁸⁹. Quando as autoridades do campo se preparam para forçá-los a integrar as companhias em formação dá-se um início de revolta no campo internacional, liderada por Jugoslavos e Húngaros. A consequência é a transferência para o campo do Vernet, em Maio de 1940, de 668 Internacionais tidos como os principais intervenientes na revolta; os 293 Internacionais que restam em Gurs, entre os quais se encontram Portugueses, deveriam ser objecto de uma posterior transferência quando saíssem do Vernet os Espanhóis destinados a São-Domingo⁹⁰. O que não chegará a realizar-se devido à invasão alemã; os Internacionais que em Junho de 1940 ainda se encontram em Gurs são transferidos para Argelès quando os Alemães se aproximam do campo.

Em 9 de Março de 1940, as 251.^a e 252.^a CTE, compostas por 400 Internacionais originários de 22 países, entre os quais 137 Alemães⁹¹, abandonam o campo de Gurs, tendo sido afectos ao 18.º corpo do exército para trabalharem nas fortificações militares de Verdun, acantonando no Bois des Moines, em Châlons-sur-Marne. Em Abril as duas CTE são colocadas sob um comando comum, formando o grupo dos Trabalhadores Estrangeiros das Brigadas Internacionais. Os Portugueses são considerados os melhores trabalhadores⁹². É exercida uma apertada vigilância aos Internacionais das CTE, pretendendo as autoridades militares isolá-los do exército e da população civil, para o que procura estabelecer os acantonamentos em locais distantes dos das tropas francesas e das povoações, temendo contactos com as organizações comunista e anarquista do interior e a actividade política que poderiam desenvolver no seio do exército. Uma preocupação constante é o afastamento dos elementos indesejáveis do ponto de vista disciplinar e dos inaptos ao trabalho, considerados como susceptíveis de provocar a indisciplina nos acantonamentos e que são reconduzidos a Gurs⁹³. As 251.^a e 252.^a CTE comportam um certo número de trabalhadores com deficiências físicas graves (tuberculose pulmonar, mutilados de guerra, cardíacos), que os tornam inaptos para o trabalho de terraplagem e de construção militar efectuados nas fortificações da linha Maginot; em inícios de Abril de 1940, dos 400 trabalhadores das duas CTE, 16 tinham sido declarados inaptos, c. 15 estavam sob observação médica e c. 20 em vias de serem reconhecidos como incapacitados, o que representa um oitavo dos efectivos⁹⁴.

Face à rudeza do trabalho na zona de guerra e à falta de condições, os trabalhadores das CTE protestam contra a insuficiência e má qualidade das

refeições distribuídas, a falta de material de cozinha, de cobertores, de madeira de aquecimento⁹⁵. A agitação no seio das 251.^a e 252.^a CTE começa pouco depois da chegada a Châlons-sur-Marne; os comunistas alemães das brigadas Internacionais organizam uma célula⁹⁶ e opõem-se, pela força da inércia, ao trabalho na linha de defesa. Alguns trabalhadores desertam das 251.^a e 252.^a CTE⁹⁷. O descontentamento no seio das CTE agrava-se com os ataques aéreos às posições onde estas trabalham. Em 19 de Maio os trabalhadores da 251.^a CTE recusam-se a trabalhar na zona de guerra. A intervenção ameaçadora do comandante do grupo dos TEBI não é suficiente para levar os trabalhadores a retomarem o trabalho. Preferem a prisão, o retorno aos campos e o repatriamento, a continuarem na zona de guerra. Temendo que o movimento se estenda à 252.^a CTE, cujo ânimo é análogo, e sobretudo o pânico que estes trabalhadores possam gerar entre as tropas francesas, as autoridades militares decidem retirar estas companhias da zona exposta a bombardeamentos. A 23 de Maio, as 251.^a e 252.^a CTE evacuem em direcção a Les Aubrais.

10. *A Legião Estrangeira e os Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros.*

A integração na Legião Estrangeira é vista pelo governo francês, logo no início do internamento, como uma solução para o problema dos refugiados internacionais; a administração dos campos, segundo indicações do ministro do Interior, procura levar os refugiados a ingressarem na Legião. Segundo recomendação do próprio ministro, a campanha em favor da Legião, a conduzir com discrição, evitando-se a publicidade oficial ou qualquer pressão sobre os internos, deverá ser conduzida «sob forma de conselhos dados a estrangeiros desprovidos de situação estável em França»⁹⁸. Em Outubro de 1939 os voluntários dos países neutros que pretendem alistar-se podem optar entre a Legião Estrangeira (contrato normal de cinco anos, ou contrato durante o tempo de guerra no Norte de África ou na metrópole) e os Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros, criados à luz do decreto de 27 de Maio de 1939, que autoriza o alistamento dos residentes estrangeiros de idade compreendida entre os 18 e os 40 anos⁹⁹. Inicialmente autorizado o alistamento dos ex-milicanos das Brigadas Internacionais, é suspenso em 26 de Setembro de 1939¹⁰⁰, mas retomado em fins de Outubro¹⁰¹; a atitude tomada pelos comunistas, após o pacto germano-soviético, leva a que a administração francesa receie a incorporação dos Internacionais, tanto na Legião Estrangeira como nos RMVE. Apesar da propaganda feita nos campos em favor do recrutamento para a Legião Estrangeira, o número de voluntários é reduzido. Em Novembro, o oficial enviado a Gurs para o recru-

tamento estimava em c. 300 o número de voluntários prontos a alistarem-se na Legião Estrangeira durante a guerra, essencialmente Alemães e Austríacos¹⁰². Um meio utilizado pelas autoridades do campo para levar os refugiados a alistarem-se é a imediata separação dos demais internados, sendo alojados em melhores condições e recebendo refeições mais abundantes. Os voluntários para a Legião são enviados para Sathonay, enquanto os dos RMVE recebem instrução militar no campo de Barcarès¹⁰³, onde se encontram agrupados por nacionalidades, contrariamente à Legião¹⁰⁴.

Os chefes comunistas de Gurs procuram impedir o alistamento dos refugiados na Legião Estrangeira e nos RMVE: para o fazer, utilizam as posições que haviam conquistado dentro do campo – chefes de barracas, de ilhotas e de campo e de serviços diversos –, dado que as relações dos internados com a administração francesa do campo se fazia por seu intermédio. Os refugiados que mostram vontade de se alistarem eram vítimas de ameaças, de injúrias e mesmo de represálias por parte dos comunistas¹⁰⁵. A propaganda contra o ingresso na Legião é particularmente intensa na ilhota I, onde se encontram a 9.^a Companhia (dissidentes do PC) e um certo número de anarquistas portugueses, cujo chefe é o alemão Wittmann. O conflito comunistas/anarquistas agrava-se em relação à participação na guerra, dado que os anarquistas se mostram favoráveis aos RMVE, sendo acusados de colaboração com a polícia francesa¹⁰⁶. A fim de pressionar os internados a alistarem-se, a administração do campo convoca os grupos nacionais. Os elementos dos grupos são recebidos individualmente, sendo interrogados sobre as razões por que combateram em Espanha e a posição política defendida e convidados a alistarem-se; por vezes, os interrogatórios eram seguidos de sevícias físicas¹⁰⁷.

Apesar da propaganda exercida em favor da Legião Estrangeira, os refugiados preferem integrar os RMVE: em Fevereiro de 1940, dos 6770 estrangeiros alistados, 5973 preferiram os RMVE e apenas 797 a Legião. Os Portugueses seguem igualmente esta tendência: dos 410 Portugueses alistados nesta data, 359 tinham escolhido os RMVE e apenas 51 a Legião, sendo a quinta nacionalidade mais representada, depois dos Espanhóis (2709), dos apátridas (990), dos Romenos (548) e dos Húngaros.

O ingresso na Legião é visto pelos internados como meio de saírem dos campos. É o caso de Mário Fernandes que, ao alistar-se na Legião, pensava poder manter-se em Paris com a ajuda de Jaime de Morais¹⁰⁸. O percurso dos Portugueses na Legião encontra-se pouco documentado, uma vez que os legionários não estavam agrupados por nacionalidades. Os Portugueses integraram, pelo menos, o 11.º Regimento Estrangeiro de Infantaria (REI). Este regimento formado em 1 de Novembro de 1939, é enviado para a frente no mês seguinte,

Tabela 3.

Efectivos das unidades de marcha de voluntários estrangeiros em 10 de Fevereiro de 1940, por nacionalidades.

		<i>Alistamentos pelo decreto de 17 de Maio de 1939^a</i>	<i>Alistamentos na Legião Estrangeira</i>
Apátridas	982	8	990
Belgas	182	31	213
Búlgaros	59	6	65
Espanhóis	2092	617	2709
Gregos	249	2	251
Húngaros	504	12	516
Lituanos	49	0	49
Luxemburgueses	49	9	58
Portugueses	359	51	410
Romenos	539	9	548
Suíços	294	20	314
Turcos	223	2	225
Jugoslavos	201	11	212
Outras	2189	13	2208
	<u>5973</u>	<u>797</u>	<u>6770</u>

Este decreto prescreve o recenseamento dos apátridas e outros estrangeiros beneficiários do direito de asilo que devem, em virtude do decreto-lei de 12-4-1939, certas prestações às autoridades militares. Este recenseamento visa apenas os refugiados voluntários residentes em França ao abrigo do direito de asilo.

Fonte: SHAI, 7N2475.

estacionando em Sierck e em Maio-Junho de 1940 na Meuse. Com a ofensiva alemã é destroçado, desagregando-se. Oficiais portugueses terão também participado na campanha da Finlândia em Maio e Junho de 1940¹⁰⁹, onde combateu a 13,5.^a brigada de marcha da Legião.

A nacionalidade mais numerosa nos RMVE é a espanhola, enquanto os Suíços, os Belgas, os Jugoslavos, os Húngaros, os refugiados russos e os Portugueses são considerados como os melhores elementos¹¹⁰. Os Portugueses combateram pelo menos nos 21.º e 22.º RMVE, organizados em Outubro de 1939 no campo de Barcarès, mas apenas constituídos em 15 de Fevereiro de 1940. O 21.º RMVE, composto por voluntários originários dos países neutros e pelos espanhóis refugiados dos campos do Sudoeste, é enviado em 1 de Maio para o departamento do Bas-Rhin, e a partir de 20 de Maio estaciona nas Ardenas. Sofre pesadas baixas com a ofensiva alemã, continuando, no entanto, a combater até 22 de Junho. O 22.º RMVE é composto por voluntários de 47 nacionalidades¹¹¹; en-

viado para o teatro de guerra em 6 de Maio de 1940, estaciona na Alsácia e depois no departamento da Somme, onde em 6 de Junho sofre um pesado ataque alemão, que destroça o regimento e faz um elevado número de prisioneiros¹¹².

11. *Junho de 1940 e o regresso aos campos.*

A derrota do exército francês, face à rápida invasão alemã, provoca a retirada desordenada e a fuga dos trabalhadores das CTE e dos soldados dos RMVE. Alguns deles conseguem refugiar-se nas regiões interiores, caso de José Rodrigues Reboredo, componente da 251.^a CTE, que se estabelece com a família no departamento do Puy-de-Dôme. Outros são feitos prisioneiros e enviados para os campos alemães. Com o Armistício, os elementos das CTE que se refugiam na zona livre, apanhados pela polícia, e os trabalhadores que tinham sido colocados nas indústrias militares, são de novo internados em Argelès-sur-Mer, onde se encontravam desde 27 de Junho os Internacionais de Gurs. Os Portugueses vindos de Gurs e os elementos das CTE são internados no campo 1 bis, agrupados por nacionalidades. Alguns vivem em barracas espanholas¹¹³, enquanto noutras secções se encontram «algumas dúzias» de emigrantes económicos portugueses¹¹⁴. A maioria dos internados portugueses inicia, nesta altura, junto do consulado de Marselha *démarches* com vista ao repatriamento; após a sua partida o grupo português de Argelès fica reduzido a pouco mais de 15 elementos, passando a ocupar uma barraca com dois pequenos grupos bálticos de Estónios e Letões. Quando mais tarde o comandante reorganiza o campo, o grupo português é agrupado com os Latino-americanos¹¹⁵.

Em Junho de 1940, quando os Portugueses regressam a Argelès o campo encontra-se em estado de degradação, as barracas estão semi-arruinadas e em reconstrução. Com o material retirado das barracas desabitadas, os comunistas portugueses procedem à reconstrução de uma barraca à qual tentam dar comodidades que faltavam no campo: num prolongamento da barraca, e com comunicação pelo interior, são construídos em chapa de zinco um «quarto de banho» e uma cozinha dispendo de um forno fabricado com tijolos, pedra e ferros; ao lado é erguida uma barraca mais pequena, destinada a servir de escola, sala de conferências e actividades recreativas¹¹⁶. O curso de alfabetização iniciado anteriormente prossegue em Argelès durante o segundo internamento, estando a cargo de Pedro da Rocha, escriba ao serviço daqueles iletrados, quando escreviam ao consulado e à família. Manuel Firmo organiza um curso de esperanto para os mutilados espanhóis¹¹⁷.

Os internados de Argelès praticam várias actividades desportivas e culturais, constroem uma jangada com pranchas soltas e canoas em chapas de zinco, organizam corridas de natação entre os grupos, campeonatos de damas e de xadrez, bibliotecas. Dedicam-se também a trabalhos manuais, cujos objectos tentam vender no exterior. O avião de alumínio foi o produto mais fabricado no campo, devido à facilidade de comercialização. Vários grupos construíram forjas e oficinas; eram também pintados lenços de seda e cartões postais. O grupo português montou uma fundição de alumínio, utilizando como matéria-prima pratos, cantis e púcaros, que recolhiam no campo. Com areia negra fizeram um fole manual. Para incrustarem nos aviões a carlinga e as cores francesas nas asas e no leme, serviram-se de cabos de escovas de dentes e pentes velhos¹¹⁸. Os internados obtêm do comandante do campo salvo-condutos para Perpilhão, onde deixam à consignação, aos comerciantes da cidade, os objectos fabricados.

Os lucros destas actividades dos comunistas portugueses – confecção de aviões, fabricantes de «café», trabalhos de cunha como sapateiro, assim como uma percentagem convencionada sobre os vales de correio recebidos por elementos do grupo – eram destinados ao colectivo português reorganizado em Argelès, e permitiram completar as refeições fornecidas pelo campo. Na verdade, no Verão de 1940 a alimentação era bastante deficiente. A quantidade das rações diminuía, um pão de quilo era repartido por seis internados. O colectivo português comprava farinha de milho com a qual se faziam papas, por vezes compravam vinho, que se bebia quente. As compras eram feitas pelos elementos dos grupos que dispunham de salvo-conduto para Perpilhão: no caso português é Alípio dos Santos Rocha¹¹⁹. O problema alimentar torna-se de tal forma grave, que a obsessão da comida começa a dominar os internados¹²⁰, situação que se agravaria de forma dramática no campo do Vernet. O auxílio das organizações humanitárias é fundamental para a sobrevivência dos internados, distinguindo-se nessa solidariedade os Quakers norte-americanos. O grupo português recebe de uma destas organizações sabão, escovas de dentes, toalhas e 10 kg de chá¹²¹.

As difíceis condições de internamento e a vigilância exercida por parte das autoridades do campo levam os internados a desenvolverem uma actividade política como meio de manterem o moral. Os comunistas organizam diversas manifestações culturais; o grupo português celebra em Novembro de 1940 a revolução russa e uma festa de Nata. Subscrevendo a iniciativa comum, os comunistas portugueses «adoptam» duas crianças espanholas, que iam comer à barraca portuguesa, iniciativa que é posteriormente proibida pelas autoridades do campo. Os Internacionais comunistas organizaram também uma festa para as crianças espanholas, na qual participam todos os grupos nacionais.

O conflito entre comunistas e anarquistas persiste em Argelès. Os últimos, uma vez mais, tentam subtrair-se à autoridade comunista. A direcção comunista consegue obter do comandante do campo, em nome da «boa ordem», que homossexuais, ladrões e outros elementos associiais sejam reunidos numa barraca, o que lhes permite sanear os elementos anarquistas tidos por «indesejáveis». Bastava ser expulso do grupo nacional para que não restasse ao visado outra solução senão integrar esta barraca, onde ficava exposto a vexações e era evitado pelos restantes internados. Entre os habitantes desta barraca cujo número não parece ter excedido os 30, encontra-se o português Calhau, curiosamente um comunista¹²².

Um dos elementos do comité central do Partido no campo é o paraguaiano Paiva, que está na origem da suspensão de Pedro Baptista da Rocha do PCP, por «falta de respeito a um camarada de escalão superior»¹²³. A célula comunista portuguesa de Argelès é dirigida por Francisco Barros Cachapuz, que em Dezembro de 1940 é repatriado para Portugal, não se conhecendo a identidade do seu substituto. No início de 1941 o governo de Vichy concebe o projecto de afastar do território metropolitano os Franceses e os estrangeiros considerados perigosos para a segurança nacional, transferindo-os para os campos de Djelfa e de Bossuet, na Argélia. No início de Março 600 Franceses são enviados para o Norte de África, preparando-se o transporte de 300 refugiados estrangeiros, na maioria ex-milicianos das Brigadas Internacionais internados nos campos de Argelès e do Vernet. O Partido Comunista toma conhecimento de que se prepara o envio para o Norte de África de Alemães, Russos e Bálticos, e para o impedir organiza em 23 de Março uma insurreição em Argelès, na qual participam as mulheres e crianças espanholas. A consequência é a transferência de todos os Internacionais para o campo repressivo do Vernet, entre os quais se encontram 11 Portugueses que restavam do grupo¹²⁴, ficando apenas no campo aqueles que aguardavam repatriamento¹²⁵.

As únicas soluções que se apresentam aos refugiados no Verão de 1940 para saírem dos campos são a integração nos Grupos de Trabalhadores Estrangeiros (formações semelhantes às antigas CTE) ou o repatriamento. Anarquistas e comunistas portugueses divergem: enquanto os primeiros parecem ter visto nos GTE a «única possibilidade de sairmos do campo de concentração onde a morte nos espiava de perto»¹²⁶, as memórias de Pedro Baptista da Rocha nada nos dizem acerca destes grupos, o que faz supor que não tenha sido proposto aos comunistas a integração. O repatriamento acaba por ser a solução para a maioria dos internados portugueses.

12. *Os Grupos de Trabalhadores Estrangeiros.*

Em Julho de 1940 as directivas do governo francês visam reformar as unidades de trabalhadores que se encontraram dispersas em consequência da invasão alemã, sendo criados os Grupos de Trabalhadores Estrangeiros¹²⁷. Contrariamente às CTE, compostas exclusivamente por refugiados da guerra de Espanha, os GTE acumulam outras categorias de internados estrangeiros (em situação irregular e desempregados). Os GTE compostos por c. 250 homens, e vigiados por soldados franceses, são empregues em trabalhos de interesse público ou militar: limpeza de rios e canais, renovação e limpeza de locais, reparação de vias de comunicação, arroteamento de florestas, ou destacados para trabalhos agrícolas. As condições de vida nos GTE são extremamente duras, como testemunha Manuel Firmo, que em Novembro de 1940 integra o 129.º GTE: «Dormíamos em pardieiros, sem quaisquer condições higiénicas, com um pouco de palha sobre o soalho (...). Rotos, descalços, subalimentados, vivíamos obsessionados por um único e ardente desejo: a derrota do Eixo. (...) Os piolhos, a sarna e a furúnculose atacaram-nos com carácter epidémico. O improvisado enfermeiro, que nos cuidava, refugiado também, só dispunha como medicamento de umas quantas pastilhas de aspirina para combater aquele verdadeiro flagelo. (...) Já que o irrisório ordenado que nos era atribuído não chegava para fazer face às prementes necessidades que tínhamos, não houve mais recurso do que procurar trabalhos suplementares junto dos agricultores da região. Depois de um dia de trabalho nas montanhas e de palmilharmos os 8 km que nos separava da vila, ainda íamos trabalhar nos campos ou desentulhar esgotos e casas que a enxurrada deixara maltratados. Com o produto desse trabalho adicional adquiríamos medicamentos e forçávamos a compra de alimentos nas mercearias visto não possuímos cartões de racionamento. (...) Quando se acabaram aqueles trabalhos suplementares, a fome fez que até as montureiras fossem pesquisadas! Mais de uma vez vi vários colegas de infortúnio retirarem dali peles de batata, tripas de galináceos e cabeças de peixe, depois de lavadas no rio eram cozidas em água simples e adicionadas ao rancho que nos era distribuído. Os gatos passaram a ser alvo disputadíssimo, cozidos com a adição de alguma cenoura ou três vagens que saltavam milagrosamente dos hortos da região e caíam providencialmente no tacho de um refugiado»¹²⁸.

13. O repatriamento.

O repatriamento é, no caso português, a última das soluções. É com o início da Segunda Guerra que os Portugueses começam a pensar no repatriamento, mas o movimento de retorno apenas começa a ser mais significativo em Fevereiro de 1940, prolongando-se até inícios de 1941. O governo de Vichy pressiona fortemente os refugiados para que regressam aos seus países. As directivas do PC quanto ao repatriamento sofreram uma alteração após Junho de 1940: enquanto inicialmente preconizava a solução colectiva para a saída dos Internacionais dos campos de internamento, a direcção comunista nos campos acabará por defender o regresso aos seus países dos elementos que não corressem o risco de prisão prolongada ou penas graves por delitos cometidos; as situações delicadas foram analisadas individualmente pela direcção. No caso português, esta pronunciou-se pelo repatriamento de quase todo o grupo, à excepção do comissário Cunha e de Pedro Baptista da Rocha¹²⁹, decisão que não foi acatada por todos. Os que não quisessem ser repatriados pelas autoridades consulares poderiam optar pelo trabalho na Alemanha, onde deveriam conduzir uma campanha de propaganda no seio dos operários alemães ou alcançarem clandestinamente os respectivos países (caso das nacionalidades de Leste)¹³⁰.

Assim, pouco a pouco regressam ao país os refugiados portugueses. Na fronteira são identificados pela polícia, de acordo com as listas enviadas para os postos fronteiriços pela PVDE, listas elaboradas a partir dos pedidos de repatriamento chegados ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os que conseguem escapar à prisão na fronteira são pouco depois detidos pela PVDE. O seu destino é diverso: enquanto uns são rapidamente libertos, outros ficam detidos algum tempo, outros ainda conhecerão um novo internamento, desta feita no mais terrível campo de repressão português, o Tarrafal, em Cabo Verde. Entre estes encontram-se os anarquistas José Rodrigues Reboredo, Manuel Firmo, Júlio Mascarenhas e os comunistas Manuel Baptista dos Reis, Alípio dos Santos Rocha, Júlio Mateus Farinha, João Paulino de Sousa, João Rodrigues da Silva, Artur Rodrigues Paquete, José Agostinho Cândido, Miguel Francisco Ramos e João Rodrigues da Silva.

¹ Terminologia utilizada na época para designar os campos, mas dado o significado adquirido por este termo durante a Segunda Guerra Mundial, é preferível a designação de campos de internamento (*hébergement*).

² César Oliveira, «Salazar e a Guerra Civil de Espanha», in *O Jornal*, Lisboa, 1987, 442 pp.

- ³ Varela Gomes, «Os portugueses e a guerra civil de Espanha», in *Diário de Lisboa*, 21 e 29 de Julho, 13 e 30 de Setembro, 9 e 10 de Outubro de 1983, e 7 de Março de 1984.
- ⁴ Lista elaborada a partir das circulares enviadas pela PVDE para os postos fronteiriços, de ofícios do Ministère des Affaires Étrangères aos Negócios Estrangeiros e ofícios dos consulados portugueses em França relativos a pedidos de repatriamento de internados portugueses. A maioria dos pedidos de repatriamento datam de 1940-41, assim como os ofícios do governo de Vichy. Ora nesta data encontram-se igualmente internados outras categorias de refugiados, nomeadamente económicos, entre os quais alguns Portugueses que nunca estiveram em Espanha e que figuram nas listas de nacionais a repatriar, em particular nas relativas aos internados no campo do Vernet.
- ⁵ Manuel Firmo, *Nas Trevas da Longa Noite*, Europa-América, Lisboa, 1978.
- ⁶ A parte das memórias relativa à militância no movimento comunista português até à guerra civil de Espanha encontra-se publicada in Pedro Baptista da Rocha, *Escrito com Paixão*, Editorial Caminho, Lisboa, 1991. Agradecemos ao Prof. João Arsénio Nunes o acesso que nos facultou do texto manuscrito.
- ⁷ Manuel Firmo, *Nas Trevas da Longa Noite* cit., p. 57.
- ⁸ Os Portugueses combatentes em Espanha foram nos fins de 1938 reunidos em San Juan de las Abadesas e em Hostalets de Balenya e os oficiais em Centellas com vista à realização do plano Lusitânia, que compreendia a invasão de Portugal por forças nacionais com o apoio logístico espanhol.
- ⁹ Óscar Lopes (coord.), *Jaime Cortesão, O Homem e a Obra*, Arcádia, Lisboa, s/d., 335 pp.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 135.
- ¹¹ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias*, 1060 dactiloescritos, f. 502.
- ¹² A revolução do 31 de Janeiro de 1891 é a primeira tentativa de implantação da República.
- ¹³ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias*, f. 507.
- ¹⁴ Óscar Lopes (coord.), *Jaime Cortesão, O Homem e a Obra* cit., p. 139.
- ¹⁵ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 504.
- ¹⁶ O caso do *Stambrook* é revelador da atitude tomada pelas autoridades francesas do Norte de África em relação aos refugiados. Os c. 3500 refugiados que embarcaram em Valência estiveram durante um mês no porto de Orão sem permissão para desembarcarem e sem que lhes fosse fornecida comida, sendo depois internados nos campos argelinos; também o *Campillo* conheceu o mesmo destino, sendo, no entanto, permitido o desembarque após uma semana no porto. Pretendiam as autoridades francesas com esta atitude levar os refugiados a regressarem a Espanha. Francisco Ferreira ficará pouco tempo na Argélia, dado que o seu nome consta da lista de refugiados acolhidos pela URSS, por ser casado com Maria del Rosário Martínez Llistó, responsável de quadros do Comité Provincial de Valência da Juventude Socialista Unificada.
- ¹⁷ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 511.
- ¹⁸ Óscar Lopes (coord.), *Jaime Cortesão* cit., p. 151.
- ¹⁹ César Oliveira, *A Guerra Civil de Espanha* cit., p. 279.
- ²⁰ Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), P2, A59, M268.
- ²¹ Entrevista com Emídio Guerreiro, Paris, Novembro de 1993.
- ²² Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 515.
- ²³ *Ibid.*, f. 516.
- ²⁴ Maria Claude Rafanau-Boj, *Odyssée pour la liberté: les camps de prisonniers espagnols 1939-1945*, Denoël, Paris, 1993, p. 121.
- ²⁵ A XI Brigada era composta por Alemães, Austriacos, Holandeses, Suecos, Noruegueses e Dinamarqueses; a XIII por Polacos, Húngaros, Bálticos, Finlandeses e Russos; a XIV por Franceses, Argelinos, Indochineses, Belgas, Suíços, Luxemburgueses e Andorianos; a XV por

Ingleses, Americanos, Canadianos, Mexicanos, Cubanos, Argentinos, Chilenos, Uruguaios; e a 129.^a por Checos, Jugoslavos, Búlgaros, Romenos, Gregos, Arménios, Turcos. Service Historique de l'Armée de Terre (SHAT), 7N2762, relatório de Comissão de retirada das Brigadas Internacionais, s/d. (Janeiro de 1939?).

²⁶ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 515.

²⁷ Arquivo Salazar, AOS/CO/IN – 8A, P.4, informação do «homem de Barcelona», 12 de Fevereiro de 1939.

²⁸ Testemunho de Pedro da Rocha a Varela Gomes, «Dos campos franceses de internamento até à reintegração como soldado», in *Diário de Lisboa*, 30 de Agosto de 1983, p. 5.

²⁹ *Unir*, n.º 48, Maio de 1939. Publicado em Paris de 1937 a 1939 pela Federação dos Emigrantes Portugueses em França.

³⁰ Archives Départementales des Pyrénées Atlantiques (ADPA), 1M 286.

³¹ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 514.

³² *Ibid.*, f. 525.

³³ SHAT, 31N135, Internacionais presentes em Gurs em 28 de Outubro de 1939 e 24 de Fevereiro de 1940 milicianos e não-milicianos das Brigadas Internacionais.

³⁴ O Partido Comunista Português é fundado em 1921, a partir da dissidência de um grupo anarco-sindicalista.

³⁵ Delegado do PCP em Espanha, não foi combatente.

³⁶ Combatente das Brigadas Internacionais na divisão Garibaldi.

³⁷ Temendo a repressão dos comunistas, acaba por mudar de barraca. Rocha, *Memórias* cit., f. 585.

³⁸ Inácio Anta abandona o grupo, transferindo-se para o campo espanhol, onde foi correspondente-bibliotecário dos Quakers.

³⁹ Tenente durante a guerra de Espanha.

⁴⁰ Boletim do grupo português de Argelès, n.º 1, de 27 de Março de 1939 (informação cedida por Mme Bachoud).

⁴¹ Portugueses de origem italiana.

⁴² Jacinto (?) Cunha foi comissário político na guerra de Espanha. Durante o internamento dos portugueses exercerá funções de delegado do PC português na direcção clandestina do Partido nos campos, nomeadamente em Vernet.

⁴³ Espanhóis pertencentes à força aérea espanhola, qualquer que fosse a função desempenhada.

⁴⁴ ADPA, 1M 286. Cada ilhota pode conter entre 1092 e 1612 internados, divididos por 30 barracas (à excepção dos B, D e M, que apenas contêm 24 barracas), podendo cada uma alojar entre 52 e 62 homens, o que perfaz uma capacidade máxima de 19 190 internados, valores que apenas se registam em Maio de 1939.

⁴⁵ ADPA, 1 M 285, échelonnement des arrivées des miliciens et des troupes.

⁴⁶ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 530.

⁴⁷ *Ibid.*, f. 530.

⁴⁸ *Ibid.*, ff. 538-39.

⁴⁹ ADPA, 3Z80.

⁵⁰ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 539.

⁵¹ D. W. Pike, *Vae Virtis. Los republicanos españoles en Francia 1939-1944*, Ruedo Ibérico, Paris, 1969, p. 68. As autoridades francesas reconhecerão mais tarde terem sido abusadas pelos comunistas: «a preocupação principal dos dirigentes comunistas era de eliminar os elementos anticomunistas. Otto Flater, na sua qualidade de chefe de campo, denunciava esses elementos como troskistas, conseguindo enviá-los para Collioure» (Archives Départementales de l'Ariège, ADA. 5W373, comandante do campo do Vernet ao comissário especial de polícia, 21 de Julho de 1941).

⁵² *Ibid.*, p. 70.

- ⁵³ *Boletim dos Antifascistas Descontentes dos Campos Internacionais*, n.º 1, referido in Pike, *ibid.*, p. 71.
- ⁵⁴ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., ff. 579-80.
- ⁵⁵ *Ibid.*, f. 579.
- ⁵⁶ *Ibid.*
- ⁵⁷ Pike, *Vae Victis* cit., pp. 76-77.
- ⁵⁸ *Ibid.*, p. 76.
- ⁵⁹ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 579.
- ⁶⁰ *Ibid.*, f. 551.
- ⁶¹ *Ibid.*, f. 550.
- ⁶² *Ibid.*, f. 546.
- ⁶³ ADPA, 1M286, ofício do comissário especial ao director da Sûreté Nationale, de 10 de Julho de 1939.
- ⁶⁴ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 517.
- ⁶⁵ A Federação dos Emigrantes Portugueses em França desenvolve, desde 1937, uma intensa actividade política. Ligada ao Partido Comunista Português e à Frente Popular Portuguesa, encontra-se desde a ruptura do PCP com os exilados republicanos na órbita de acção destes.
- ⁶⁶ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 528.
- ⁶⁷ *Ibid.*, f. 541.
- ⁶⁸ *Ibid.*, ff. 539-40.
- ⁶⁹ *Ibid.*, f. 524.
- ⁷⁰ Laharie Claude, *Le camp de Gurs, un aspect méconnu de l'histoire du Béarn*, J. et Déd., 1989, pp. 116-17.
- ⁷¹ ADPA, 1M286, ofício do director dos Serviços Agrícolas ao Prefcito dos Baixos-Pirenéus, 21 de Dezembro de 1939.
- ⁷² *Ibid.*, ofício do Prefeito dos Baixos-Pirenéus ao Ministro do Trabalho, 17 de Novembro de 1939.
- ⁷³ *Ibid.*, circular do Ministro do Interior aos Prefcitos.
- ⁷⁴ ADA, 5M 144, circular de 31 de Maio de 1939 do Ministério do Interior aos prefeitos.
- ⁷⁵ Em princípio, cada CTE era enquadrada por um oficial, um sub-oficial e 10 cabos.
- ⁷⁶ ADPA, 1M286, relatório da reunião efectuada em 11 de Agosto de 1939, reunindo o prefeito, o sub-prefeito de Oloron, o director dos Serviços Agrícolas, o Comissário Especial, o inspector do Trabalho.
- ⁷⁷ ADPA, 1M286, relatório do Inspector do Trabalho ao Prefeito dos Baixos-Pirenéus, de 27 de Setembro de 1939.
- ⁷⁸ *Ibid.*
- ⁷⁹ ADPA, 1M286, relatório da reunião efectuada em 11 de Agosto de 1939, reunindo o prefeito, o sub-prefeito de Oloron, o director dos Serviços Agrícolas, o Comissário Especial, o inspector do Trabalho.
- ⁸⁰ Os efectivos das CTE estrangeiras são menos numerosos do que os das espanholas, sendo compostas por c. 200 homens cada.
- ⁸¹ SHAT, 34N373, nota de serviço de 22 de Março de 1940.
- ⁸² Segundo as directivas enviadas pela PVDE ao MNE, em resposta aos pedidos de passaporte solicitados pelos Portugueses de Gurs ao consulado de Bayonne, estes poderão ser repatriados mas detidos ao entrarem no país, para o que envia aos postos fronteiriços com circulares os nomes de indivíduos a deter, MNE P2, A59, M268.
- ⁸³ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 584. Cláudio Vilanova havia pertencido às Brigadas Internacionais.
- ⁸⁴ A partir de Setembro de 1939, os estrangeiros em excesso na economia nacional foram internados nos campos, mas regra geral eram mandados para outro bloco que o internacional. Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 584.

- ⁸⁵ Entre os quais Castro, Duarte e um outro, que se tornará comunista. Rocha, *Memórias* cit., f. 585.
- ⁸⁶ *Ibid.*, f. 586.
- ⁸⁷ SHAT, 31N135.
- ⁸⁸ Em Bayonne reside uma importante colónia portuguesa.
- ⁸⁹ SHAT, 31N135.
- ⁹⁰ *Ibid.*, nota confidencial do comandante da 17.^a região militar ao comandante da 18.^a região militar, 12 de Maio de 1940.
- ⁹¹ SHAT, 34N378, nota de serviço do comandante do grupo de trabalhadores do 18.^o corpo do exército, 19 de Maio de 1940.
- ⁹² SHAT, 34N373, nota de serviço do comandante dos TEBI ao comandante do grupo de trabalhadores do 18.^o corpo do exército, 19 de Maio de 1940.
- ⁹³ SHAT, 34N378, nota de serviço do comandante do 18.^o corpo do exército ao comandante do II exército, 8 de Abril de 1940. Os Internacionais são reconduzidos a Gurs, enquanto os Espanhóis são enviados para o campo de Argelès-sur-Mer.
- ⁹⁴ SHAT, 43N378, ofício do comandante do 18.^o corpo do exército ao comandante do II exército, 8 de Abril de 1940.
- ⁹⁵ SHAT, 34N375, notas de serviço do comandante da 30.^a DINA ao comandante do 10.^o corpo do exército, 6 e 27 de Fevereiro de 1940.
- ⁹⁶ SHAT, 34N378, ofício do comandante do 18.^o corpo do exército, 23 de Março de 1940.
- ⁹⁷ Os desertores das CTE, uma vez capturados, são enviados para o campo repressivo de Vernet.
- ⁹⁸ ADA, 5M141, ofício do ministro do Interior ao Prefeito de Polícia, 8 de Fevereiro de 1939.
- ⁹⁹ Os estrangeiros com mais de 60 anos podiam integrar os Batalhões de Pioneiros Voluntários Estrangeiros.
- ¹⁰⁰ SHAT, 7N2475, ordem de serviço do Estado-Maior para o Comandante da 8.^a região militar, 26 de Setembro de 1939.
- ¹⁰¹ SHAT, 7N4198, O. M. n.^o 4575 – 1/EMA, 20 de Outubro de 1939.
- ¹⁰² Os Polacos e os Checoslovacos integraram os respectivos exércitos nacionais constituídos em França. Relatório do capitão Bonnicel da secção do Ultramar sobre uma missão ao campo de Gurs, datado de 15 de Novembro de 1939. SHAT, 7N4198.
- ¹⁰³ A partir do 1.^o de Maio de 1940, passa a ser o campo de Septfonds.
- ¹⁰⁴ SHAT, 7N2475, nota sobre a utilização dos estrangeiros, 20 de Dezembro de 1939.
- ¹⁰⁵ ADPA, 1M286, ofício do comissário especial ao director da Sûreté Nationale, 10 de Julho de 1939.
- ¹⁰⁶ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 559.
- ¹⁰⁷ *Ibid.*, f. 559.
- ¹⁰⁸ Varela Gomes, *Diário de Lisboa*, 30-8-1983, p. 5.
- ¹⁰⁹ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 564.
- ¹¹⁰ SHAT, 7N2475, relatório do ajudante-chefe, chefe do anexo de Le Barcarès ao capitão-chefe do SIL em Santhonay, 25 de Janeiro de 1940.
- ¹¹¹ 25 por cento de Espanhóis, 30 por cento de Judeus (Polacos e Romanos), 45 por cento de Belgas, Suíços, Luxemburgueses, Romanos, Noruegueses, Portugueses, Húngaros, Russos, Jugoslavos, Austríacos. SHAT, 34N319.
- ¹¹² SHAT, 7N2475 e 34N 319.
- ¹¹³ É o caso de Manuel Firmo.
- ¹¹⁴ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 615.
- ¹¹⁵ *Ibid.*, f. 605.
- ¹¹⁶ *Ibid.*, f. 614.
- ¹¹⁷ Manuel Firmo, *Nas Trevas da Longa Noite*, Europa-América, Lisboa, 1978, p. 92.

- ¹¹⁸ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 616.
- ¹¹⁹ *Ibid.*, f. 616.
- ¹²⁰ *Ibid.*, f. 623.
- ¹²¹ *Ibid.*, f. 605.
- ¹²² *Ibid.*, f. 624.
- ¹²³ *Ibid.*, f. 631.
- ¹²⁴ ADA, 5W 192-196.
- ¹²⁵ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 636. Entre os quais Manuel e Mário Baptista dos Reis, Alípio dos Santos Rocha, Joaquim Bordadágua, José Agostinho Cândido, Júlio Mateus Farinha e António Grilo Tocha.
- ¹²⁶ Manuel Firmo, *Nas Trevas da Longa Noite* cit., p. 95.
- ¹²⁷ SHAT, 1P21.8, ordem do secretário de Estado para a Guerra aos comandantes das regiões militares, 24 de Julho de 1940.
- ¹²⁸ Manuel Firmo, *Nas Trevas da Longa Noite* cit., pp. 95-98.
- ¹²⁹ Pedro Baptista da Rocha, *Memórias* cit., f. 625.
- ¹³⁰ Adam Raysky, *Nos illusions perdues*, Balland, Paris, 1985, p. 84.